



Emater é ponto de apoio para quem precisa de ajuda

Os escritórios municipais da Emater funcionam como pontos de apoio para agricultores, quilombolas, indígenas, pecuaristas e assentados da reforma agrária. Em Sapiranga, o abrigo no CTG Pedro Serrano foi transformado em um centro de triagem para abastecer desabrigados dos Vales dos Sinos e Paranhana, de cidades como Novo Hamburgo, Canoas, São Leopoldo, Igrejinha, Três Coroas, Araricá e Parobé. Nos primeiros 11 dias, foram distribuídos 14.376 kits de alimentação e de higiene pessoal, 12.142 fardos de água, 779 colchões, 1.455 cobertores, 3.427 pacotes de fraldas, 3.310 marmitas. De acordo com a extensionista Maristela Ebert, os próprios agricultores doaram itens para as cestas básicas.



Manutenção das feiras de produtor

A Emater também está articulando, em conjunto com os agricultores e as prefeituras, o fortalecimento das feiras locais para acolher as demandas e as necessidades das famílias da região do Vale do Sinos. Em Sapiranga, por exemplo, a feira ocorre nas quartas e nos sábados pela manhã, e quinta-feira à tarde, no Centro (Avenida João Corrêa, 1.650).

Em Novo Hamburgo, a Feira do Produtor, que completou 35 anos no último dia 12, também segue em atividade. Foi registrada falta de produtos e até ausência de expositores, mas a tendência é de normalidade ao longo das semanas.

Cultivo de hortaliças vive o pior momento no Estado

Enchente destruiu canteiros, encharcou solo e prejudicou o escoamento da produção

Susana Leite

susana.leite@gruposinos.com.br

Responsáveis pelo equilíbrio na alimentação, verduras e legumes são os mais aplacados pelas intempéries. Seja em períodos de seca, seja com chuva em excesso, como ocorre agora no Rio Grande do Sul, a olericultura — que abrange desde a alface até a batatinha — comporta uma das maiores perdas da agricultura. Levantamento mais recente da Emater/Ascar-RS, através do informativo conjuntural, divulgado no último dia 16, apontava que dos 497 municípios gaúchos, 461 tiveram suas hortas diretamente afetadas pelas chuvas e cheias dos rios. Houve perdas de folhosas e hortaliças em todas as regiões do Rio Grande do Sul.

A olericultura representa 46 mil unidades produtoras no Estado. “Numa área de mais de 71 mil hectares, se estima que a olericultura gere cerca de R\$ 5,6 bilhões por ano para a economia do Estado”, calcula o diretor técnico da Emater, Claudinei Baldissera. Dois prejuízos se somaram neste contexto. Além da perda nas propriedades, a obstrução de estradas interferiu no escoamento daquela porção da produção que conseguiu se salvar da catástro-

fe climática no Estado. Isso explica a dificuldade de acesso a esses alimentos ao longo deste mês.

A tendência, pelo menos no âmbito das hortaliças, é de que se normalize em breve. São culturas de ciclo curto e em muitos locais já começaram a ser replantadas. No entanto, há prejuízos maiores no cenário agrícola que ainda não foram totalmente contabilizados. Equipes da Emater seguem trabalhando no levantamento das perdas e no auxílio direto aos produtores, no sentido de obtenção de recursos para equacionar dívidas dos produtores rurais e recuperar aquilo que for possível.

Levantamentos

O cenário em cidades do Vale do Sinos, por exemplo, é semelhante ao de grande parte do Estado, onde as áreas plantadas ficaram inundadas. “Nesse primeiro momento, estamos fazendo levantamento e ajudando nas questões de laudo para os produtores que tenham algum tipo de financiamento em banco”, pontua a responsável pela Diretoria de Fomento ao Desenvolvimento Rural de Novo Hamburgo, médica veterinária Cristine Becker.

O órgão municipal, que é ligado à Secretaria Mu-

nicipal de Desenvolvimento Econômico (Sedec), atua em parceria com a Emater na assistência aos produtores rurais de Novo Hamburgo. Cristine confirma que as perdas maiores foram a olericultura, embora também alguns produtores tenham perdido animais e acumulado prejuízos em outras culturas, como a soja. No bairro Lomba Grande, onde se concentra a atividade rural na cidade, o trabalho também tem sido de desobstrução de estradas. Apesar das perdas, o município segue mantendo a Feira do Produtor Rural, mesmo tendo certa redução na oferta de alguns alimentos.

Campo Bom acumula perdas nas culturas de milho, mandioca, frutas, verduras e hortaliças da agricultura familiar. Também foram atingidas a agroindústria e estufas de produção de mudas, além de açudes e reservatórios de água para os animais. No município, teve ainda o agravante de que produtores rurais que vivem na Barrinha, Porto Blos, Vila Rica e Santa Maria do Butiá perderam as casas na inundação do Rio dos Sinos. As agroindústrias de Campo Bom terão de paralisar as atividades por 30 dias. O município calcula que os prejuízos cheguem a R\$ 5 milhões.



Hortaliças que resistiram à chuva acabaram ficando com a qualidade comprometida.



Estima-se que 80% do plantio se perdeu

Em 40 anos de atividade na agricultura, Alfredo Strack nunca tinha visto a água subir tanto ao redor da propriedade em Lomba Grande. O produtor rural vinha se preparando para a transição entre o verão e o outono, mal tinha desarmado o sombrite da horta, quando a chuva levou quase tudo embora. Strack calcula que 80% da plantação tenha se perdido. Ele e os filhos cultivam predominantemente hortaliças, que são vendidas na Feira do Produtor de Novo Hamburgo. As plantas que resistiram estão muito abaixo da qualidade que se esperava para o estágio de desenvolvimento. É preciso muito critério para escolher o que levar para a feira.



Olericultura foi afetada em todas as regiões.